



Sigmund Freud e a política. Paul Federn, família, amigos

Sigmund Freud and politics. Paul Federn, Family, Friends

Prado de Oliveira¹

Resumo: Em um contexto em que os psicanalistas na França, no Brasil e em outros lugares devem tomar posições políticas, sendo acusados de fazê-lo em nome de um suposto apoliticismo da psicanálise, convém recordar alguns episódios da história desta disciplina, o que faz este artigo usando um eixo duplo: a superdeterminação da vida humana e a história particular da relação entre Sigmund Freud e Paul Federn.

Palavras-chave: política; psicanálise; Freud; Paul Federn.

Abstract: In a context where psychoanalysts in France, Brazil and elsewhere are called upon to take political positions and are accused of doing so in the name of a supposed apoliticism of psychoanalysis, it is worth recalling certain episodes in the history of this discipline, which this article does on the basis of a double axis: the over-determination of human life and the particular history of the relations between Sigmund Freud and Paul Federn.

Keyword: Politics; Psychoanalysis; Freud; Paul Federn.

1 Professor pesquisador da Universidade de Paris VII - Universidade Denis Diderot, U.P. VII, França.

A psicanálise poderia oferecer a seus praticantes a oportunidade de desenvolver visão pouco convencional da política. Com ela, as posições políticas de um homem não seriam limitadas a seus escritos ou posições comumente aceitas como tal. Estas, como outros de suas criações e manifestações, como quaisquer significantes, apareceriam superdeterminadas, obedecendo a diferentes inscrições, ritmos, distribuídas de forma variável no tabuleiro de xadrez de suas vidas. As relações entre significantes e significados são complexas, sobredeterminadas. Muitas vezes coexistem posições políticas contraditórias em um mesmo sujeito. Minha experiência é que quem se diz comunista não se priva de expressar seu racismo e antifeminismo, racionalizando-os; outro, que se diz fascista, não censura suas simpatias com refugiados políticos ou com povos de outras raças, que defende com paixão. Um deles, perseguido, torna-se perseguidor; torturados podem tornar-se torturadores, aterrorizados, terroristas; feridos tornam-se assassinos, enquanto outros buscarão a espiritualidade, o afastamento de assuntos mundanos, uma psicanálise, por que não tornar-se analista? E a lei da interpenetração dos contrários, um comum lusco-fusco, quando o entardecer, quando a alvorada.

A política é um campo onde o caleidoscópio do inconsciente e os perigos da história relampejam.

Buscando as posições políticas de Freud, podemos abordá-las a partir de um texto que mencione explicitamente o comunismo ou outro que trate de um presidente norte-americano, por exemplo. É então surpreendente que Freud nunca tenha mencionado nem o prefeito de extrema-direita de Viena, que chegou ao poder em 1897, nem o nacional-socialismo, fundado na Alemanha em 1920. Notaríamos a concordância entre estas datas e a publicação de um ou outro de seus textos, como se a teoria comentasse os acontecimentos políticos atuais. Assim, *A Interpretação dos Sonhos* (1900) apareceria como uma resposta às posições antissemitas de Karl Lueger, eleito pouco antes da publicação do livro, mas em campanha eleitoral de longa data. Como se Freud se empenhasse tanto mais com os sonhos quanto ouvisse os discursos antissemitas de Lueger. Ou *A Interpretação dos Sonhos* como resposta ao antissemitismo. *Além do princípio do prazer* (1920) apareceria como um comentário sobre a fundação do Partido do Holocausto. Entre esses textos de Freud, outros, como *Totem e tabu* (1913) ou a *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), podem ser usados para certas deduções políticas de algum interesse que precisa ser demonstrado, pois as teses sobre a “morte do pai” parecem sobretudo recalcar o pensamento sobre a morte bem real de mulheres e crianças.

Não devemos negligenciar as páginas que um de seus biógrafos dedica ao banho conservador liberal onde Freud viveu. Teria sido impossível a ele não ser liberal. Todos os judeus de Viena eram liberais, mesmo quando reivindicavam o socialismo e, pior ainda, o comunismo. Em sua velhice, Freud definia-se como “um liberal à moda antiga”². No entanto, em sua juventude, ele viveu em um mundo que Gay (1988) descreveu com uma pluma de romance:

2 Carta de Freud a A. Zweig (1930).

De fato, muitos imigrantes das aldeias miseráveis da Europa Oriental tinham um modo de se vestir, falar e gesticular que parecia estranho e desagradável para os vienenses (p. 25).³

A família Freud, pai e mãe, vinha dessas aldeias. Como não seriam assim?

Não devemos certamente negligenciar os notáveis capítulos dedicados a Freud por outro historiador: “Freud e medicina”, “Freud e Viena”, “Freud e seus discípulos”. De todo ponto de vista notáveis e essenciais à compreensão do universo político de Freud, estes biógrafos permanecem cegos às raízes dos primeiros psicanalistas e da maioria dos imigrantes judeus vienenses, com a possível exceção, para Johnston (1972), de algumas páginas nas quais menciona a preeminência intelectual dos judeus: suas raízes na tradição tribal e na rejeição dos goys. O fato é que Freud foi um imigrante de segunda geração, como a maioria dos intelectuais judeus em Viena, uma cidade que acolheu pelo menos cem mil imigrantes da Europa Oriental, e especialmente da Galícia, em poucos anos, na passagem dos séculos. Nascida na época em que o século XIX entrou no século XX, a psicanálise tem poderosas raízes entre os imigrantes. O pai de Freud foi expulso de Leipzig antes de buscar refúgio em Viena.

Martin Freud

Seja qual for o entrelaçamento desses quadros, em que se define a superdeterminação da política para um sujeito, para Freud, existem outros quadros que revelam suas posições políticas, como retratos de sua vida íntima e familiar, em relação com seus filhos ou com seus amigos íntimos. Martin Freud, por exemplo, sempre:

[...] inclinado a defender sua honra pela violência, ingressou, como estudante, numa associação judaica que praticava o duelo, a Kadima, o que seu pai apoiou. Martin tornou-se um esgrimista temido. Durante uma ‘luta’ entre estudantes judeus e germano-austríacos, ele foi esfaqueado (Schröter, 2012, p. 99).

Em outra ocasião, Martin sofreu muito por não ser capaz de responder a uma ofensa que sofrera em sociedade. Tinha sido esbofeteado fazendo patins no gelo e não pôde vingar-se, tendo então sofrido como se seu futuro tivesse sido destruído. Freud chamou-o a seu escritório e ouviu sua história. Martin lembrou-se que Freud reconheceu seu direito moral de retribuir uma ofensa com uma violência. Podemos ver aí a reparação tardia de Freud da afronta sofrida por seu próprio pai, que não se vingou quando seu chapéu foi jogado na lama.

Da mesma forma, em outra ocasião, quando Martin sofria de amores e foi aconselhar-se com seu pai (que conhecia a menina), Freud respondeu: “Sua culpa é que você não tem agressividade suficiente ou não o suficiente. Se você tivesse se tornado brutal quando ela te atormentou, se você tivesse gritado com ela, ou melhor,

³ Todas as citações do francês para o português brasileiro foram livremente feitas pelo autor e revisadas por F. Capoulade.

esbofeteado-a, então, talvez um relacionamento feliz se tivesse desenvolvido” (Schröter, 2012, p. 101). Freud acreditava que a violência individual podia resolver conflitos. Muitos dos que o rodeavam partilhavam esta opinião.

Quem era o Dr. Paul Federn?

Substituindo Otto Rank como secretário de Freud em 1924, Federn era também seu amigo íntimo, um dos poucos com quem podia contar a qualquer momento. Sua proximidade durou até fugirem de Viena. Com 64 títulos de contribuições para as primeiras publicações psicanalíticas, Federn era um teórico respeitado. Seu filho, Ernst, será responsável pela edição das Atas da Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, trabalho de secretariado feito por Rank, nunca antes publicado. Federn era também um ativista do Partido Social-democrata, na época era considerado “esquerdista”.

O avô de Federn, Bunzlfedern, tinha sido um rabino importante e muito liberal em Praga. Seu pai, que germanizou seu nome, foi Solomon Federn (1832-1920), famoso médico em Viena, enquanto sua mãe, Ernestine Spitzer, viera de família de comerciantes protestantes. Entre os pacientes mais conhecidos de Salomão estavam todos os administradores do Wiener Kredit Anstalt, um dos maiores bancos da Europa Central. Durante muito tempo, Ernestine lutou pela emancipação das mulheres, mesmo depois de seu casamento.

Federn nasceu em 13 de outubro de 1871 em Viena. Terceiro filho de um casal que já tinha dois meninos mais velhos. Teve ainda duas irmãs e um irmão mais novos. Quando adolescente, sofria de episódios depressivos que chamavam a atenção de seus amigos e familiares. Ao mesmo tempo, os surpreendia e os encantava com suas habilidades de batedor de carteiras. Tinha fama de ser capaz de roubar seja o que quer que fosse do bolso de quem quer que fosse onde quer que fosse.

Fez seu serviço militar na Cavalaria de Viena. Seu pai decidiu que ele deveria ser médico, embora ele pessoalmente quisesse estudar mais biologia. Formou-se em 1895 na Universidade de Viena e serviu durante sete anos no *Allgemeines Krankenhaus*, o Hospital Geral de Viena. Abriu seu próprio consultório em 1902 (Alexander, Eisenstein & Grotjahn, 1966).

Conheceu sua futura esposa, Wilma Bauer, enquanto namorava sua irmã mais velha. Wilma tinha onze anos e ele, vinte e dois. Dez anos depois, logo que ela teve 21, casaram-se. Ela também vinha de família protestante, escrevia poemas e peças que Federn a proibia de publicar, por não suportar seus próprios ciúmes. Tiveram três filhos, duas meninas e um menino. Durante toda sua vida, sua esposa sofria de problemas cardíacos, enquanto ele mesmo sofria de depressão latente.

Imediatamente após ter-se instalado como médico, Federn conheceu Freud, graças a Hermann Nothnagel, que havia sido médico-chefe de ambos. Impressionado, tornou-se o quinto membro da Sociedade das Quartas-feiras em 1903. Logo sua

depressão diminuiu, mas a ideia de suicídio não desapareceu (Lester & Stockton, 2005). Federn sempre foi leal a Freud. Mesmo quando suas ideias divergiam, ele procurava diminuir as diferenças entre eles, valorizando Freud. De certa forma, Federn proibiu-se de “publicar” suas próprias ideias, assim como proibiu sua esposa de publicar seus poemas e peças, uma das poucas proibições que ela aceitou dele. De resto, Ernst lembra que sua mãe era chamada de “Mussolina” e seu pai “Rei Victor Emmanuel” para caracterizar o casamento de seus pais. Este rei fazia muitas concessões a seu exigente e imperioso primeiro-ministro (Federn, 1994).

Federn participou da Primeira Guerra Mundial, apoiando a Alemanha com toda sua força. Encorajado por um de seus irmãos, economista, investiu tudo o que tinha nos títulos de guerra austríacos, por razões românticas: se a Áustria e a Alemanha perdessem a guerra, a vida não faria sentido. Posteriormente, Federn nunca recuperou seu investimento e sempre teve uma relação especial com dinheiro. Por exemplo, esquecia-se de cobrar por suas sessões.

Publicou seu primeiro livro em 1919, desafiando as teses sobre o assassinato do pai. Freud o acolheu muito bem. Estudando a Revolução Russa, Federn destacava o papel dos conselhos operários e militares após o fim da Primeira Guerra Mundial. Federn não teme usar a fuga do panfleto revolucionário. Podemos ler, por exemplo: “Assim vemos na organização dos conselhos a forma de ação das forças construtivas da revolução” (Federn, 1919). Nada disso impediria Freud de nomeá-lo seu representante junto às autoridades psicanalíticas alguns anos mais tarde. Alguns de seus livros posteriores ainda expressam as mesmas preocupações políticas e sociais, como *Das Ärztlich Volksbuch* (O livro popular de medicina) (1924) e *Das Psychoanalytische Volksbuch* (O livro popular de psicanálise) (1926). Entre outras importantes contribuições, podemos citar, a partir de 1934, *A análise dos psicóticos*, compêndio de seus artigos recolhidos pelo amigo Edoardo Weiss imediatamente após sua morte, e mais uma coleção de seus artigos, a saber, *Investimento do Eu e atos falhos* seguido de *Contos, mitos, histórias dos primeiros tempos* (Paris, 2017). Esse conjunto oferece a imagem de um clínico com interesses diversos e ricos, capaz de explorá-los em profundidade.

Um “outro” Federn

Depois da guerra, sua atividade política foi importante. Com sua irmã, Else Federn, assistente social, participou da criação da *Werkbundsiedlung Wien*, ligada aos jardins populares da cidade, ocupando vizinhanças de Viena para criar cooperativas agrícolas, lutando contra a fome e o desemprego, endêmicos então. Ainda hoje, um parque de Viena a homenageia, o Else-Federn-Park⁴.

Sua segunda irmã, Etta Federn-Kohlhass, também conhecida como Marietta Federn, Etta Federn-Kirmsse, ou simplesmente Esperanza, publicou sob todos esses

4 https://www.geschichtewiki.wien.gv.at/Else_Federn. Curioso observar que a mais importante historiadora do período, embora reconhecendo a importância e os papéis destas irmãs, não as nomeia (Danto, 2019, p. 74).

pseudônimos seus próprios livros e traduções. Figura importante do sindicalismo anarquista na Alemanha e Espanha, lutou na Guerra Civil Espanhola antes de se juntar à Resistência Francesa.⁵ Já idosa, se estabeleceu na França sob o nome de Etta Talhaas.⁶

Os Federns eram muito próximos dos Ecksteins, família judaica socialista tradicional, e dos Freud. O entrelaçamento destas famílias era notável. Fritz Eckstein, industrial rico, era companheiro das cartas de tarô de Freud. Como seus amigos, ambos também eram membros da B'nai B'rith, organização originalmente dos Estados Unidos, obedecendo aos termos da Maçonaria. Enquanto os Maçons excluía os judeus, B'nai B'rith, organização filantrópica judaica, trabalhava e trabalha ainda hoje para sua elevação moral e cultural, para sua educação em todas as suas formas. Foi nas salas do B'nai B'rith, que acabara de se estabelecer em Viena, que Freud deu suas primeiras palestras sobre sonhos. O B'nai B'rith, herdeiro da Primeira e da Segunda Internacional Comunista, trouxe fama internacional imediata à psicanálise nascente, que enfim explicava o sonho com bases materialistas.

Therese Eckstein Schlesinger, filha de Fritz e irmã de Emma Eckstein, foi uma das fundadoras do Partido Social Democrata Austríaco e uma germanófila convicta. Na época, o pangermanismo era uma ideologia de esquerda, se opondo ao imperialismo dos Habsburgos e lutando pela separação da Igreja e do Estado. Emma era a famosa Irma, paciente de Freud, feroz ativista, que se tornou psicanalista e publicou em 1904 um pequeno livro sobre *A educação sexual de crianças*, elogiado por seu analista⁷, que o livro nunca menciona.

Ativismo generalizado

Desde 1918, Federn, ativista social-democrata, era membro da Seção Médica do Partido, onde ocupava um cargo eletivo. Vários dos primeiros psicanalistas, incluindo Helene Deutsch, Siegfried Bernfeld, Otto Fenichel, Wilhelm Reich, Erick Fromm e outros, foram “ativistas” em política e na psicanálise. Originária da Galícia, Deutsch começou a militar ainda adolescente, mantendo há mais de década relação íntima com um homem catorze anos mais velho que ela, secretário-geral do partido socialista, com quem foi ao Congresso Internacional Socialista de 1910.

Também da Galiza, ativista socialista, Bernfeld foi durante muito tempo secretário-geral do Conselho Central Sionista da Áustria Ocidental, e líder do *Kinderheim Baumgarten*, que forneceu educação e alojamento a 300 crianças órfãs judias polonesas após a Primeira Guerra Mundial. Admitido na Sociedade Psicanalítica de Viena aos 23 anos de idade, teve de se exilar em Berlim em 1922 e, desse ano até 1934, Fromm, Reich, Ernst Simmel, Frances Deri e outros, levaram

5 https://en.wikipedia.org/wiki/Etta_Federn. Interessante mencionar que os nomes destas irmãs não aparecem em nenhuma das biografias citadas, nem mesmo em livros de P. Federn, acentuando o caráter machista da história da psicanálise.

6 “Obituary, Paul Federn”, (1950), *Psychoanalytic Review*, 37(4):385-386.

7 https://en.wikipedia.org/wiki/Emma_Eckstein.

vida de militantes exilados, fugindo de país em país, até serem acolhidos nos Estados Unidos.

Fenichel foi um dos principais líderes de um grupo psicanalítico marxista, tendo se exilado como eles ano após ano em Praga, Oslo e finalmente em Los Angeles.⁸ Além de seu ativismo, esses psicanalistas fundaram clínicas psicanalíticas abertas ao povo. É claro que Freud estava a par disso tudo, os tendo apoiado com entusiasmo discreto, provavelmente em memória de seus anos de ensino médio, quando se sentia atraído por “algumas ideias extremas”. Longe de ser apolítico, Freud sempre foi tentado por essas “ideias extremas” de sua juventude.

Em carta de 21.09.1927, Freud concorda com a proposta da Federn de cooptar Reich para o *steering committee* (comitê de direção) da Internacional Psicanalítica. Federn era, lembremos, militante ativo do Partido Social Democrata Alemão e Reich, militante do Partido Comunista, que presta importantes serviços à psicanálise. Reich inaugurou as conferências psicanalíticas pedagógicas para o movimento operário e Freud o apreciava (Danto, 2007).⁹

Uma carta de Freud a Federn de 8 de novembro de 1936 só pode ser plenamente compreendida neste contexto. “Pelo que sei, você tem motivos para se preocupar novamente com o futuro próximo de um de seus filhos” (Freud, 1936, p. 197), escreve ele a seu amigo enquanto se prepara para socorrê-lo. É que este filho foi mais uma vez preso por suas atividades militantes antifascistas. Violentos combates de rua em Viena, com um grande contingente de “vermelhos”, começaram em 1931, contra a tentativa de golpe de Estado fascista. O apoio de Freud a este pai em benefício do filho adquire assim um significado complexo e rico, muito além da generosidade.

Na verdade, Ernst Federn, militante socialista revolucionário, trotskista, à esquerda do seu pai, tinha acabado de ser preso pela segunda vez nesse mesmo ano. Condenado, preso em 1937 e enviado para os campos de concentração de Dachau, depois para Buchenwald, foi libertado pelos Aliados em 1945. Passou oito anos em campos de concentração e só sobreviveu devido a circunstâncias excepcionais. Sua juventude, saúde e força, claro, mas também “a possibilidade de ser vigia noturno e depois poder usar a psicanálise para lidar com criminosos detidos ou para acompanhar na morte aqueles que foram designados para o extermínio” (Roudinesco, 2007), entre eles os *muzulmanner* de Primo Levi, os judeus tão próximos da morte e enfraquecidos que pouco lhes restava. Ernst chegou a dar conferências sobre psicanálise nos campos de concentração. Além disso, podemos entender melhor a natureza sucinta das cartas de Freud ao pai do jovem: eram quase, por assim dizer, cartas criptografadas, nas quais se tratava sobretudo de nada escrever demais,

8 https://en.wikipedia.org/wiki/Otto_Fenichel.

9 Este livro de Danto mereceria uma discussão a parte tal sua importância e também a de sua recente tradução em português por Margarida Goldsztajn: *As clínicas públicas de Freud. Psicanálise e justiça social*, São Paulo, Perspectivas, 2019. Infelizmente só apareceu quando o presente artigo já estava pronto e indo para a composição.

nem mostrar intimidade. Vemos assim que o inventor da palavra psicanálise, que gostava de parecer como “apolítico” e até como “liberal à moda antiga” era também simpatizante desses movimentos dissidentes e revolucionários.¹⁰

A política e suas questões

Na abordagem caleidoscópica que merece toda a vida, a insistência de Freud em ficar em Viena até o último minuto, ele e seus próximos, pode adquirir novos sentidos. A articulação entre “cautela” exposta e “extremismo” latente é uma das complexidades do modo de ser de Freud, dos primeiros psicanalistas que ainda não foram abordados em nenhuma de suas biografias. Nem tanto, aliás, que assim fossem por alguma “natureza humana” inexistente para eles como para todo materialista, mas sobretudo por estarem na posição sociopolítica em que prudência e extremismo lhes eram imperativos.

O “apolitismo” dos psicanalistas faz parte, primeiro de sua situação de imigrantes da Galiza para Viena, em seguida, de sua nova imigração da Europa continental para a Grã-Bretanha, para os Estados Unidos e para a América Latina, sobretudo Argentina ou México, das condições impostas aos refugiados que eram, refugiados políticos muitos deles.

Mais tarde, este “apolitismo” foi assimilado a uma suposta neutralidade científica, inexistente nas origens da psicanálise por muito tempo. Ambos também estavam ligados à ascensão social dos psicanalistas e à superdeterminação de suas novas posições no cenário social e político: de colonizados a imigrantes, finalmente chegavam a posições dominantes. Hoje, eles podem finalmente reivindicar voltar às suas origens e encontrar suas raízes, fazendo reaparecer perguntas antigas. A política, como a psicanálise, muitas vezes tem que lidar com o retorno do reprimido.

10 Quanto ao interesse de Freud pelos jovens combatentes, veja-se as memórias de Martin Freud, seu filho, em S. Freud, *Lettres à ses enfants*, Paris, Aubier, 2012, trad. F. Cambon, p. 99. Cambon descreve longamente as organizações, os estudantes, como a Kadimah, da qual Martin participava aprovado pelo pai, que se lembrava certamente de sua própria juventude.

Referências bibliográficas:

- GAY, P. (1988), *Freud. Une vie*, Paris, Hachette, 1991, trad. T. Jolas, pp. 19-27.
- Lettre de Freud à A. Zweig en date du 26.11.1930. *Correspondance S. Freud-A. Zweig, 1927-1939*, Paris, Gallimard, trad. J.-C. Gehrig, 1973, p. 55.
- JOHNSTON, W.M. (1972), *L'esprit viennois. Une histoire intellectuelle et sociale 1848-1938*, Paris, Puf, 1985, trad. P.-E. Dauzat, pp. 265-312.
- SCHRÖTER, M. «Martin Freud (1889-1967). Esquisse biographique. » in S. Freud, *Lettres à ses enfants*, Paris, Aubier-Flammarion, 2012, trad. F. Cambon, p. 99.
- ALEXANDER, F.;Eisenstein, S.; Grotjahn, M.(1966) *Psychoanalytic Pioneers. A History of psychoanalysis as seen through the lives and the works of its most eminent teachers, thinkers and clinicians*, New York, Londres, Basic Books, 1966.
- FEDERN, E., *Témoin de la psychanalyse. De Vienne à Vienne via Buchenwald et les États-Unis*, Paris, PUF, 1994, trad. M.-V. Tran Van Khai.
- FEDERN, P. (1919). Contribution à la psychologie de la révolution : la société sans père, Paris, *Incidence*, 3, 2007, trad. O. Mannoni, pp. 209-224.
- FEDERN, P. (1934), “The Analysis of Psychotics”, *Int. J. Psycho-Anal.*, 15:209-214.
- FEDERN, P. (1952), *Ego Psychology and the psychoses*, Basic Books, Inc. New York, en français *La Psychologie du moi et les Psychoses*, Paris, PUF, 1979, trad. A. Lewis Loubignac.
- FEDERN, P. ; MENG, H., *Investissements du Moi et actes manqués, suivi de Contes. Mythes. Histoire des premiers temps*, Paris, Ithaque, 2017, textos reunidos e apresentados pelo Grupo de estudos Paul Federn, trad. C. Haussonne. Esta edição reúne textos de 1933, « Die Ichbesetzung bei den Fehlleistungen 1. », *Imago*, 19(3):312-338 et (2) *Imago*, 19(4):433-453, ainsi que « Märchen, Mythos, Urgeschichteun », capítulo de *Das psychoanalytische Volksbuch*, publicado primeiro em 1926 e 1928 em dois números da *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 1(1):31, com nova edição ampliada em 1939, em Berna, pela Verlag Hans Huber.
- DANTO, E. A., (2007), *Freud's Free Clinics. Psychoanalysis and Social Justice 1918-1938*, Columbia University Press, tradução em português: *As clínicas públicas de Freud. Psicanálise e justiça social*. São Paulo, Perspectiva, 2019, tradução Margarida Goldszajn.
- Cartes postales, notes, lettres de Sigmund Freud à Paul Federn (1905-1938)*, op. cit., p. 197.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.